

Stadium

N.º 176 — 17 de Abril de 1946 — Esc. 2\$00



Peyroteo está completamente dado ao remate. Mas Da Rui, admirável guarda-rede da França, não será batido neste lance!



Caça, Pesca, Tiro a chumbo, Utilidades artigos de desporto

Sarasqueta:

A mais limitada espingarda de caça. Interessantes modelos por preços económicos

Star:

A pistole de absoluta confiança. 8 tiros. Cromadas e oxidadas.

Artigos de Pesca:

Grande variedade de canas nacionais e estrangeiras. Carretos, anzóis, linhas, amostras, etc.

Artigos de Desporto e Campismo:

Bolas para futebol, ténis e caneleiras, joelheiras de proveniência estrangeira, e preços vantajosos. Mochilas com e s.m. armação, modelo inédito tipo norueguês. Barracas de todas as qualidades e dimensões, e demais materiais para campismo.

A. M. SILVA

Rua da Betesga, 67 — LISBOA

TELEFONE 2 5424

Peça o n/ catálogo grátis



PHILIPS

a luz que não fatiga os olhos



TUDO PARA AUTOMÓVEIS

//
Pneus, Câmaras,
Baterias, Esponjas,
Camurças, Ferramentas,
Remendos a Fogo

Lâmpadas para automóveis — Óleos
Massas consistentes — Valvulinas

ACEITAMOS:

BATERIAS para reconstruir
e PNEUS para recauchutar

//

38 e 40, Rua do Saco
Ao Campo de Santana

— TELEFONE 4 1579 —

CANDEIROS

E C M E L

225, Rua da Palma, 235
LISBOA
Telefone 2 8156



BICICLETAS

NOVOS MODELOS
Preços Sensacionais
Peçam novas tabelas

ARMANDO GRESPO

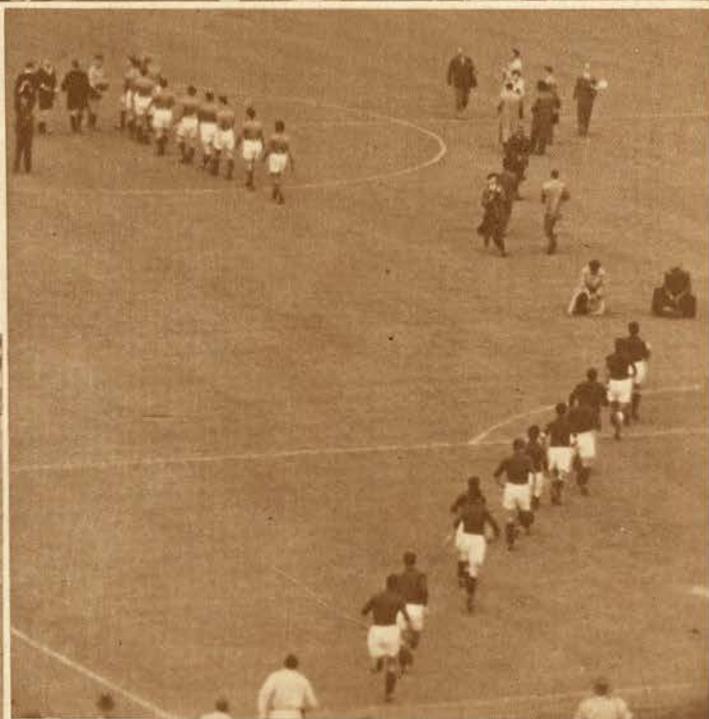
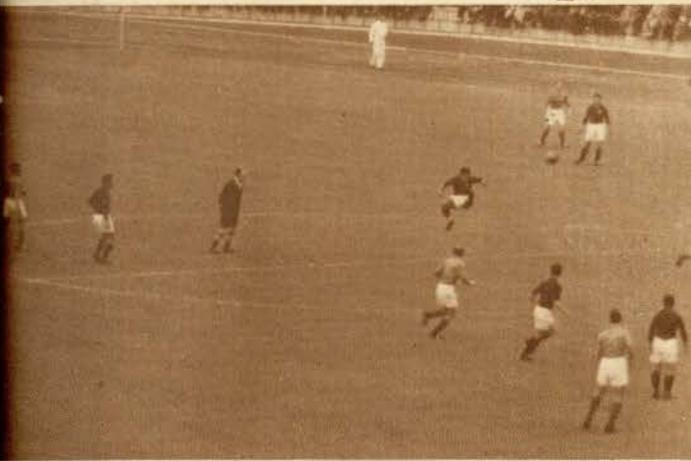
Rua do Crucifixo, 118-124 — LISBOA — Telf. 27027

Stadium

N.º 176 ★ 17 DE ABRIL DE 1946 ★ PREÇO 2\$00



O 7.º encontro de futebol com a **FRANÇA**



A entrada das equipas no terreno, primeiro a da França e depois a de Portugal, e três fases movimentada da partida



O trabalho do grupo nacional agradou, no seu conjunto

A «classe» revelada pelo futebol francês valoriza a vitória das cores nacionais

Crónica de TAVARES DA SILVA



Um desafio internacional é sempre um jogo de nervos e emoção. A medida que a hora do encontro se aproxima — todos se concentram nas suas

responsabilidades, desde o seleccionador aos jogadores. Estes perdem um pouco da sua alegria, como é natural, com a aproximação do perigo.

Quando saímos da Venda do Pinheiro, pelas 13 e 30, chovia torrencialmente. Mau prenúncio! Ao avançar-se, o horizonte indica melhoria. Em Lisboa não chegou a chover, e todos desejamos que tal não aconteça. Não só para não prejudicar a beleza do espectáculo, como por nos dizerem que o adversário é mais forte, no ponto de vista físico.

Dão-se as últimas indicações no vestiário, onde desta vez não chegou a entrar a multidão do costume. Fala-se com um pouco de

indicação para se ver a forma como as duas selecções, e especialmente a nossa, se comportaram. Vamos à tarefa.

Os melhores jogadores de um e de outro lado



AZEVEDO não teve culpas na bola sofrida. Como a poderia ter defendido? O primeiro remate de Berek levava a força e a direcção dos golpes mortais. Mas o guarda-redes nacional, não tendo bloqueado a bola por absoluta impossibilidade, ainda a afastou com os punhos.

Na recarga, o extremo Vaast fez a tocar na malha das redes. Nenhum guarda-redes do mundo, a não ser um super-homem, deixaria de sofrer este goal solitário. Noutros lances teve Azevedo a oportunidade de revelar o seu sangue-frio, agilidade e golpe de vista, aquilo que no fundo se chama *classe*. Sabida a influência do porteiro num onze, pode dizer-se abertamente que Azevedo contribuiu decisivamente para o triunfo.

Cardoso distinguiu-se como o excelente jogador que todos apreciamos, preocupando-se com a cobertura de que estava encarregado e sem esquecer o aspecto de conjunto. Para adversários que empregam o corpo, e que sabem utilizar essa arma de jogo, a colaboração de Cardoso torna-se indispensável. Os franceses reconheceram ter na sua frente um homem apto muscularmente e com a tenacidade necessária.

Se o trabalho de Cardoso merece uma boa nota, que dizer desse admirável Feliciano, grande de corpo e de alma, grande em tudo, pela forma em que se encontra e pelos vastos conhecimentos que mostra possuir do lugar? Não nos parece demais referir que ele constituiu uma barreira intransponível, de cimento e aço, onde sobressaíram a maior parte dos ataques dos nossos contrários. Nos instantes de perigo vimos sempre um Feliciano, decidido e vigoroso, dominar o adversário.

Amaro, eis outro dos grandes em campo. Já na primeira parte, bem colocado, procurara organizar jogo, mas a função de vigilância a Ben Berek, e a necessi-

dade deste sentir os movimentos embaraçados e dificultados, não lhe dera margem para realizar integralmente o seu pensamento. Após o intervalo, modificou-se este estado de coisas e surgiu-nos um Amaro de jogo inteligente e de passe preciso, até um Amaro em esplêndida forma física, com entradas de corpo valentes e ousadas.

Vem a seguir Francisco Ferreira, que, na sua maneira característica, procurou auxiliar a dianteira não esquecendo a defesa. Nem sempre os seus passes, rasteiros, a fugir ao vento, chegaram ao seu destino, mas em mais de uma vez a energia do conhecido médio benfiquense serviu a equipa.

Dir-se-ia que a falta de ligação da nossa linha média com a avançada foi notória, e que daí resultou o fraco poder ofensivo e o desentendimento patenteado. Mas isso é mais uma causa a juntar às que referimos. Um grupo não joga o que quer, e deve observar-se à luz do trabalho realizado pelo adversário.

Na segunda parte, melhorámos a olhos vistos no que se refere a organização de futebol. Auxiliados pelo vento, e com a força moral que dá a situação de vencedor, os portugueses passaram a construir muito melhor o seu ataque. Deverá, todavia, observar-se que se manteve, embora mais atenuada, a falha que já apontámos. Neste tempo, apertámos ainda mais, se possível, as malhas da defesa, e não mantendo o mesmo ritmo no jogo ofensivo, conseguimos jogadas fulgurantes, rápidas e precisas, plenas de vivacidade e por isso mesmo desconcertantes.

Diga-se o que se disser do *team* nacional, devemos exaltar a confiança que os rapazes revelaram em todas as situações. Haja em vista o seguinte: tendo conseguido um goal um pouco afortunado, a selecção viu-se a braços com o empate, na altura em que se tinha encontrado. Se o grupo não tivesse fundamentos sólidos, a influência deste empate poderia ter sido decisiva. Como reagiu o onze? Nem sequer estremeceu. Continuou na mesma toada, atacando, e em breve estava novamente na situação de vencedor.

Abstraindo, por comodidade de demonstração, do jogo desenvolvido por ambas as equipas e vendo só e apenas as oportunidades de goal (bem sabemos que

uma coisa não se poderá separar da outra; que é isso de futebol sem goals?), é incontroverso que tivemos pelo nosso lado mais e melhores ocasiões. Duas vezes em que não foi tento, nem se sabe porquê... Como a influência dos tentos é grande e manifesta, gostaríamos de saber se, na hipótese dessas bolas terem entrado, se poderia manter a mesma linha de comentário relativamente à equipa



Uma «corrida do diabólico» Ben Berek!



Como Rui defende um canto!

nervosismo. De aí a pouco, às 16 menos três minutos, as duas equipas entram em campo: a francesa em primeiro lugar, como é da praxe.

Os *teams* fazem as saudações oficiais, alinhando:

França: Da Rui, Grillon, Salva, Prouff, Cuissard, Ledue, Aston (capitão), Heisserer, Bihel, Ben Berek e Vaast.

Portugal: Azevedo, Cardoso (capitão), Feliciano, Amaro, Francisco Ferreira, Serafim, Rafael, Araújo, Peyroteo, Quaresma e Rogério.

Árbitro: Georges Reader, da Federação Inglesa. **Juízes de linha:** Tibaldi, francês, e Vieira da Costa, português.

Hoje, comecemos esta nossa crónica pelo fim. As referências ao trabalho dos jogadores representam por si só uma preciosa

nacional. Porque, às vezes, diz-se de um jogo que as oportunidades se repartiram pelos dois campos, mas ninguém poderá desta vez argumentar de tal maneira. Apreciada no seu conjunto e no seu valor global, poderemos afirmar, por consequência, sem exagerar a nota, que a selecção portuguesa de futebol, constituída por onze rapazes decididos, não tendo sido brilhante — cumpriu. E oxalá que os resultados fossem sempre como este.

A arbitragem do sr. Georges Reader, da Federação Inglesa, teve um ar fácil, quase paternal, a que não estamos habituados. Com a margem larga na utilização do corpo, o *referee* não deixou de punir os truques e as jogadas subterrâneas. Várias faltas passaram em claro, mas talvez isso se deva à ideia de interromper o jogo um número mínimo de vezes. Deixar jogar é uma divisa inglesa. O auxílio dado pelo juiz Tibaldi podia ter comprometido esta arbitragem tolerante e benévola.

Enfim, o Estádio Nacional deu-nos a nossa primeira vitória no campo internacional. Há mais mo-



Uma defesa de Da Rui, o guarda-redes espectacular!

tivos para estarmos contentes do que para o contrário. Ou não será assim?

Os franceses têm uma grande equipa!



U já tínhamos visto jogar várias vezes o *team* da França. Contra Portugal, e ainda há meia dúzia de anos, aproximadamente, em Sevilha, contra a

Espanha, quando arbitrou o nosso compatriota António Palhinhas. O *team* de hoje faz uma diferença dos do passado como da noite para o dia. O empate de Wembley contra a Inglaterra e a recente vitória de 3-0 sobre a Checo-Eslováquia não são resultados de mero acaso, mas a clara afirmação de um progresso e melhoria indiscutíveis.

O grupo que nos visitou poderá apresentar-se em qualquer parte na certeza de se portar condignamente e fazer figura. Surpreendeu-nos, tanto mais quanto é certo não esperarmos tanto!

É de admirar a harmonia do seu futebol, a tal ponto que chegámos a ter a impressão de não se tratar de uma selecção, mas de um *team* de clube. Que melhor elogio se lhe poderá fazer, sabendo-se que tal é o sinal de distinção das boas selecções?

Estamos convencidos que o grupo deve estar muito jogado, e que os seus componentes devem conhecer-se muito bem uns aos outros. Como não podia deixar de ser, o grupo pratica a *marcação* situando-se na escola moderna do jogo, lutando corajosamente para não deixar passar o adversário. A sua entre-ajuda é excelente. Mas logo que a bola chega ao poder de qualquer dos dianteiros, o jogo adquire então um fulgor especial. Os avançados têm todos, sem distinção, perfeito domínio de bola, e há mesmo nesta *linha* verdadeiros artistas do esférico, que brincam com a bola maravilhosamente.

Não se limitam, porém, ao domínio da bola. Sabem também utilizá-la na construção de triangulações sem a nota da vulgaridade, cruzando o jogo e pondo quase sempre em actividade o homem melhor colocado. Todo o ataque actua como uma só unidade e penetrado do que está a fazer. Além de tudo, rápidos e voluntariosos, e sabendo utilizar o corpo. Fora outra a defesa que tivessem na sua frente, porventura mais tecnicamente perfeita mas menos dada ao choque, e o balanço não recairia a favor da parelha portuguesa.

Em qualquer dos dois grandes domínios do futebol, no campo da técnica como no da tática, esta

equipa francesa não tem nada a aprender. Comparando-a mentalmente com os ingleses da R. A. F., achamos, mesmo, que não ficam a perder. O seu remate talvez não corresponda à beleza e perfeição do seu jogo. Apesar de isso, nos pontapés à baliza que despediram mostraram saber chutar com direcção e força.

Depois de um primeiro tempo fraco, os portugueses elevaram-se na segunda parte



TAMOS de aceitar as coisas como elas são, e não recorrer a argumentos especiais para demonstrar o que é de fácil demonstração. Tão claro e tão simples.

Certamente, o jogo desenvolvido pela equipa portuguesa na primeira parte não era o que todos desejávamos. O juízo de que a selecção francesa era fraca e de que iríamos obter uma vitória fácil, assente em muitos espíritos, provocou a decepção, ao reconhecer-se que éramos dominados na primeira parte.

Já vínhamos o valor dos visitantes, referindo os seus pontos principais. Acrescentaremos, agora, que soprava um vento relativamente forte, aumentando o poder atacante da França. Ainda que tudo nos saia mal, mesmo alguns lances da melhor intenção, e a eles tudo bem, como, aliás, tantas vezes sucede. Logicamente, tivemos de nos dar a um



Um mergulho de Azevedo é, em geral, um belo lance!

trabalho, porfiado e extenuante, de defesa, no pensamento de que cumpre defender as balizas com unhas e dentes, sem o mais leve desfalecimento. Ora, nem sempre aceitar a toada do adversário, pela força das circunstâncias, representa manifesta inferioridade. A verdade é que, alheados da função ofensiva, conseguimos atravessar todo o primeiro tempo com as balizas virgens. E este resultado não se deve à sorte, representando antes o desfecho lógico do futebol das duas equipas. Nunca deixamos rematar em condições fatais, e de tal sorte os atacantes se viram acossados que tiveram de recorrer ao pontapé de longe, improdutivo.

De Serafim pode dizer-se ter realizado a sua melhor tarefa no campo internacional. Trata-se de um elemento que cumpre bem a sua função de marcação, mas que ordinariamente não vai além das instruções recebidas, ou, melhor, de aquilo que julga ser a sua missão. Contra os franceses, Serafim chegou a ter audiências seguindo

O SPORTING

colocou-se à frente do campeonato de júniores da A. F. L.

COM dois encontros de grande importância, a terceira jornada do fase final do campeonato de júniores da A. F. L., no último domingo, revestiu-se de grande interesse.

Quiseram os caprichos do sorteio que se reunissem só em dois

com a bola nos pés e largando-na na boa oportunidade.

Rafael, chamado à última hora, em virtude de se reconhecer que, enfim, Espírito Santo não podia alinhar por causa da sua importante distensão, desempenhou melhor o lugar do que era de supor. O seu pontapé fácil auxiliou-o, e da sua parte saíram iniciativas eficazes.

Araújo merece o maior dos elogios: *internacional* pela primeira vez, jogou com o à-vontade e o desembaraço próprios dos jogadores de raça, de homens que nasceram para o futebol. Estamos longe de entender que a sua exibição fosse perfeita, mas as suas qualidades afirmaram-se no passe, no *dribbling* e no remate. A sua bola acredita-o como rematador.

Fernando Peyroteo deu-nos o triunfo, e evidentemente, no lado prático da questão, isso tem um valor inapreciável. O avançado-centro português, com menos mobilidade e dando a sensação de que precisa de *trabalhar* muito, procurou jogar com os seus companheiros, mas notou-se a grande dificuldade da perfuração da defesa adversária.

Quaresma aceitou o *sacrifício* que se lhe impunha sem o mais leve enfado. Metido em um lugar em que é inferior, pela força da combinação de valores na linha da frente, jogou com o mesmo entusiasmo de fio a pavio, e com tudo a correr-lhe mal, nunca perdeu o ânimo nem lhe esfriou a vontade.

Rogério rendeu menos do que seria lícito exigir do seu magnífico estilo, mas alguns golpes de fogo foram o suficiente para o afirmarem um autêntico valor do futebol português.

Quanto à equipa da França, não queremos fazer uma apreciação exaustiva como vimos dando. Da Rui deu nas vistas pela sua forma espectacular. Salva talvez melhor do que Grillon, mas ambos atléticos. Prouff, Guissard e Leduc deram-se a *marcação* cerrada, mas não esqueceram o ataque. O centro deixou-nos a melhor das impressões.

Na linha da frente, apreciámos imenso Aston, que, na ponta, consegue movimentar todo o ataque. Excelente jogador, de boas fintas, conta e medida na passagem, e pontapé com a força suficiente. Ben Barek revelou um estilo precioso, de domínio e toque de bola. Sabedor e artista, desenha jogadas de inspiração e de pura concepção no ar mais natural deste mundo. Heisserer é um científico, e também Bihel sabe jogar muito bem à bola, não denunciando a jogada. Vaast, rápido e beneficiando da passagem do extraordinário jogador, a pérola negra.

campos es quatro equipas tidas como mais capazes de conquistarem o título. Assim, o Benfica-Estoril e o Belenenses-Sporting chamaram sobre si as atenções gerais. Previam-se lutas equilibradas, de resultados indecisos, e assim veio a acontecer. Que melhor se poderia desejar para traduzir o nivelamento de valores e contribuir para o interesse da prova, que não fossem os dois empates? As equipas ficam mais perto umas das outras na tabela de classificação — circunstância primordial para valorizar o campeonato.

É curioso salientar que o clube cuja presença na fase final da prova esteve mais periclitante — o Sporting — é aquele que, neste momento, «comanda» a classificação.

Além dos «leões» — o Belenenses, Estoril e Cascais. Depois, o Benfica; noutro duo, o Cascais e o Grupo Desportivo da C. U. F., que, no último domingo, lograram os primeiros pontos para a classificação. E, por último, o Chelas.

Os encontros de domingo forneceram os seguintes resultados: Belenenses-Sporting, 2-2; Benfica-Estoril, 1-1; C. U. F.-Cascais, 4-0; Cascais-Chelas, 3-1.

O resultado da luta entre «azuis» e «leões» tem algo de lisonjeiro para os sportingistas. Os rapazes de Belém, nos primeiros 30 minutos, dominaram o suficiente para alcançarem maior número de «goals»; e os do Lumiar só no último quarto de hora tiveram vantagem...

Os «encarnados» continuam a não dar tranquilidade aos seus adeptos. Os avançados estão muito pouco eficazes e... sem marcar «goals» não se ganham desafios. Foi preciso uma grande penalidade para que os benfiquistas beltessem o guarda-redes do Estoril. E, ainda por cima, o «goals» do Estoril resultou duma fraca intervenção do «keeper» «encarnado».

O G. D. da C. U. F. excedeu as previsões mais optimistas, marcando quatro lentos ao Cascais e não consentindo um só que fosse. Assim, os campidistas sofreram a primeira derrota na prova. A circunstância dos «cujistas» terem marcado dois «goals» no espaço dum minuto pode ter influido no espírito dos vencidos.

Os dois grupos mais fracos da série final disputaram luta animada. Ganhou o melhor, que, todavia, tardou a firmar a sua superioridade.

D. D.

FLECHA a melhor bicicleta

Ano IV — II Série — N.º 176 Lisboa, 17 de Abril de 1946

Stadium
REVISTA DESPORTIVA

Director e Editor, DR. GUILHERMINO DE MATOS
Chefe da Redacção, TAVARES DA SILVA
Proprietária, a SOCIEDADE DE REVISTAS GRÁFICAS, LDA.
REDACCÃO E ADMINISTRAÇÃO
Trav. Chafiz João Gonçalves, 36, 2.º — Telef. 5.946 — LISBOA
Fornecedora gráfica da REORRABORA, LIMITADA — LISBOA

Antes do grande encontro

BEN BAREK, ASTON e DA RUI e uma francesinha que veio a Portugal ver futebol...

ESTE VII encontro entre as equipas de futebol de Portugal e da França revestiu-se de uma importância desportiva excepcional. Para os portugueses, que tudo indica estarem em demanda do verdadeiro caminho para firmarem categoria, este jogo com os seleccionados franceses foi bem a prova real para a sério se avaliar das suas possibilidades. Não é demorado, pensar-se que este nosso jogo com a França teve o condão de despertar o interesse de todo o Portugal desportivo.

Os nossos jogos do ano passado com a Espanha e a Suíça e os recentes encontros com os ingleses — o da R. A. F. especialmente — tiveram o condão de fazer desviar também para nós os olhos interessados dos desportistas estrangeiros.

Foi sobretudo neste ambiente que se deslocou a Portugal o grupo francês. E é também esta a opinião do sr. Júlio Rimet, o prestigioso presidente da F. I. F. A. e da Federação Francesa. Assim nos afirmou após ligeira troca de impressões no decorrer do «cocktail» que o sr. Ministro da França ofereceu nos salões da Legação.

— O grupo francês que jogará no vosso magnífico e sumptuoso Estádio — disse-nos depois o sr. Rimet — embora não renuncie a verdadeira e entusiástica luta desportiva, creiam que vos aparece de braços abertos. O jogo com os portugueses alegra-nos, por podermos reatar estes tradicionais jogos entre Portugal e França e também por que ele constitui, finalmente, a certeza de que o futebol em todo o mundo está apto a retomar a sua necessária actividade inter-nações.

— Particularmente, no que diz respeito à França?

— É inegável que o jogo, seja qual for o resultado, nos interessa muito. O desporto francês está entregue ao seu trabalho de reconstrução. Caminhamos esplendidamente para a normalidade. Este grupo de jogadores franceses é a prova verdadeira desse regresso.

O sr. ministro da França aproximou-se neste momento. Os jogadores iam abandonar a Legação. Nós, discretamente, desviamos-nos para nos juntarmos ao grupo dos nossos adversários desportivos.

Transpuzemos o portão do Palácio de Santos em excelente companhia — os três azes do grupo francês que jogarão no relvado do Vale do Jamôr: Ben Barek, Aston e Da Rui.

Três rapazes, alegres, comunicativos, curiosos ao máximo, pretendendo observar no seu olhar tudo o que à sua volta se passa. Aquelas ruas da Madragôa, paredes melas com o belo palácio da Legação, despertaram-lhes interesse. Os seus olhos ora se fixavam nos prédios bem acabadinhos e mais ou menos berrantes nas suas côres, como poisavam curiosos nos tipos bem portugueses que àquela hora chegavam ao populoso bairro.

Ben Barek, a preciosa «pérola negra», que os franceses adoram, destaca-se de todos os do grupo. Naturalmente. O marroquino, ocupando o lugar de interior esquerdo no Stad Français, tem 28 anos e parece receber com infantilidade a grande responsabilidade que a sua inextinguível categoria de jogador lhe dá.

— Gostou de vir a Portugal?

— Gostei. Mas este jogo agradou-me especialmente. Quando fui para França ouvi logo falar de jogos com os portugueses. Recentemente este desafio passou a ser falado com insistência, não se escondendo o valor dos vossos jogadores.

E num riso alegre, parisiense:

— Amanhã tenho que me mostrar bem para não me confundirem com o vosso Espírito Santo.

— Tem tido pouca sorte com o sol de Lisboa. Tem chovido.

— Mas mesmo com chuva a vossa Lisboa é muito bonita. O Tejo, o Estoril... Je suis échanté dans votre joli pays!

— Ben Barek, você vale um milhão?

A «pérola negra» olha-nos sorridente:

— Oui... pour le Stade Français!

Aston, o capitão do grupo nacional francês, é alegre e brincalhão. Em cada minuto dá-nos uma frase espirituosa.

Perguntamos-lhe de chofre:

— V. Aston ainda continuará por muito tempo no grupo nacional francês?

Olha-nos seriamente. Depois com um sorriso:

— Dou ao futebol francês todas as minhas qualidades, todo o meu entusiasmo. Mas, felizmente, os maus tempos vão passando. O futebol em França está já no aspecto importante do desenvolvimento que era ansiosamente esperado após a guerra. Não-de vir os novos para honrar a equipa tricolor... e para me render.

Da Rui, 30 anos de idade e também 10 anos de efectividade no team nacional, é menos comunicativo.

— V. Da Rui é um guarda-redes de grande classe...

Põe-nos amigavelmente a mão no ombro:

— Quero que me diga isso amanhã à tarde...

Iamos voltar-nos novamente para Ben Barek. Desaparecera! Olhámos a mostra de uma sapataria próxima. Fomos apreciar a curiosidade, mas já o grande jogador entrara na sapataria, e tentara pedir uns sapatos de que gostava.

Eram de camurça castanha. Os seus olhos brilharam e disse-nos:

— Em Lisboa podemos comprar muita coisa. Pode-se comprar tudo.

Momentos depois o auto-carro abandonou o palácio da Legação.

Voltamos aos salões do Palácio o sr. Jean du Sault e sua esposa continuaram rodeando os seus convidados de gentilezas.

FERNANDO SÁ

(Continua na página 15)

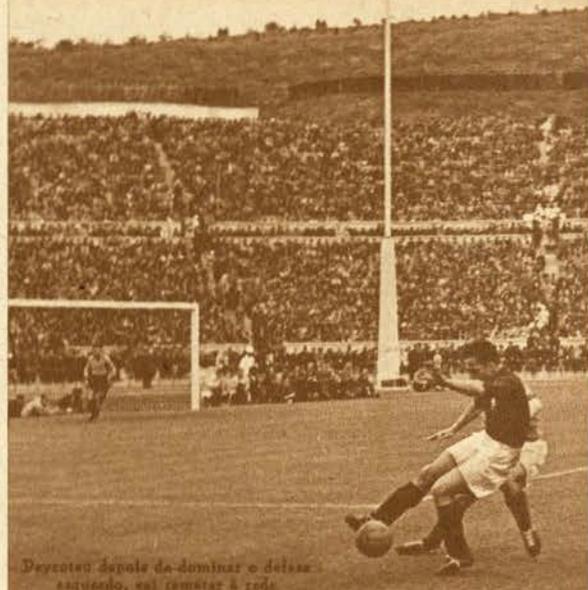


O homem que vale um milhão, Ben Barek, antes do jogo mostrou apreensivo. Um jogo «internacional» tem sempre dificuldades. Seguir, o nosso camarada Fernando Sá, troca impressões com Da Rui, Aston e Ben Barek. Em baixo, numa sapataria e chapelaria, a «pérola negra» prepara-se para fazer compras...

Imagens do PORTUGAL-FRANÇA



Costa procura interceptar a marcha de Vasat para a bola



Devoletou depois de dominar e deixar adivinhado, vai começar a zeda



O avançado escuro, Bihel, sob as vistas de Cardoso, domina a bola com classe

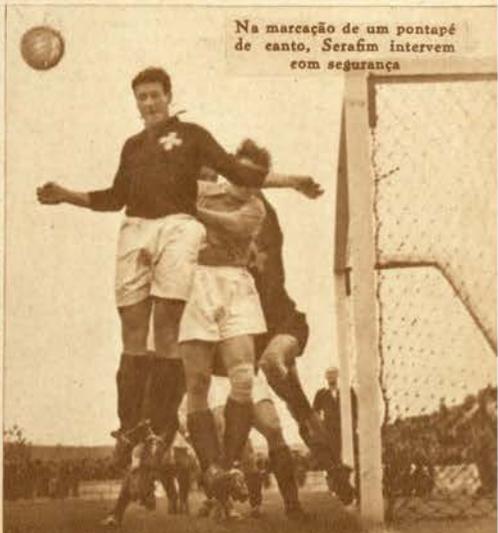
Vasat, autor do «goal» francês



De Rui defende-se de um ataque de Quarzema



Uma boa defesa de Rui, apertado por Perrotto, vence o ataque de Re... com classe e lance



Na marcação de um pontapé de canto, Serafim intervem com segurança



Uma boa resolução de Salva

Jogadores de Portugal e da França

confiaram-nos as suas impressões sobre o grande encontro



PEYROTEO

que marcou o segundo «goal» de nossa equipa



ARAÚJO

que abriu caminho à vitória portuguesa

ESTAVAMOS agora entre vencidos e vencedores, no Avenida Palace Hotel. Num dos seus salões, disciplinadamente isolados, os jogadores da equipa de França ouvem Barreau, o seu seleccionador. A sua voz é calma, paternal, mas aponta um ou outro defeito notados durante o desafio.

— Ben Berek foi lento... Aproximamo-nos. Outros portugueses também... E, num repente, — Barreau deixou de falar como seleccionador.

Mas era oportuno ouvi-lo. Barreau é um homem de maneiras simples. Quase se não vê. Mistura-se com os jogadores franceses, mas repara-se facilmente que é junto deles um homem de autoridade — um técnico.

— A França, afinal, possui uma grande equipa...

— Estou contente por haver agradado ao público português. De facto, julgo que obtivemos um bom resultado, visto que a vossa formação tem poder e prestígio.

— Quer dizer que está contente com o trabalho do seu grupo?

Barreau esboçou um gesto. De descontentamento?

Limitou-se a dizer:

— A defesa lusitana sabe jogar. Aquele defesa esquerdo (Feliciano) deixou-me uma impressão admirável, e os médios perturbaram constantemente os avançados franceses. Faltou, por isso, liberdade na zona de remate...

— Correspondeu a equipa ao que esperava?

— Absolutamente. Agradou, e isso me satisfaz. Mas da maneira como decorreu o jogo, sinto que poderia ter sido mais feliz.

— Os portugueses...

— Já disse que me agradou a defesa, especialmente Feliciano. Mas são todos muito rápidos, e

deram provas de possuir admirável preparação física. No segundo tempo, principalmente.

A nossa conversa foi interrompida pela chegada do sr. Ministro da França, que foi cumprimentar os jogadores do seu país um por um.

O isolado Ben Berek...

O maravilhoso Ben Berek parecia pouco comunicativo. Guissard, um médio-centro de 20 anos, jogador admirável da tarde, fazia-lhe companhia, mas Ben Berek não estava de facto contente.

A' cautela — principiamos por interrogar Guissard.

— Que impressões lhe deixou o passeio a Lisboa?

— Admiráveis. E levo algumas recordações. Sapatos, um fato, umas coisitas...

— Sobre o jogo?

— O grupo português é bom, e tivemos dificuldades em bater a sua defesa.

— Ben Berek parece contrariado...

Foi o rastilho. O negro francês sorriu para Guissard, um imberbe mas risonho camarada. Este, compreendendo-nos, vira-se para Ben Berek e diz-lhe:

— O «goal» da França foi de iniciativa tua...

— Depois dos jogos, nunca estou contente. Uma questão de feito.

— Porque passou para extremo-esquerdo, quase no fim do encontro?

— Estava tocado e por isso perutei com Vaast.

— Gostou de jogar em Portugal?

— Sim. E principalmente de jogar no Estádio Nacional, que é uma obra admirável, digna de um país desportivo.

Estava vencido o mutismo de Ben Berek. Tinhamos homem!

— E da equipa portuguesa?

— Impressionou-me a sua rapidez sobre a bola. Feliciano, Cardoso, Francisco Ferreira, Araújo e Azevedo são bons elementos. Entre os meus camaradas — todos melhor do que eu!

Intervém Leduc:

— Não acredite. Ben Berek é sempre um grande jogador. Não gostou?

— Todos os portugueses gostaram. Ben Berek é um artista.

Leduc é primo do grande internacional ciclista

Ganhávamos Leduc, o excelente médio-esquerdo da equipa de França.

— O seu nome recorda o de um grande ciclista francês...

— Somos primos.

— Muitos parabéns. Leduc tinha grandes admiradores em Portugal.

— Um grande ciclista, de facto. — E agora sobre futebol. A sua opinião sobre a exibição desta tarde.

— O nosso grupo procura subir de categoria e atingir a classe de outras épocas. Parece que não desagradámos...

— Pelo contrário. Os desportistas portugueses, podemos garantir, ficaram satisfeitos.

— Nós, franceses, talvez pudéssemos fazer melhor resultado. Mas a defesa portuguesa não o deixou. E o «goal» que marcou o habilidoso interior direito português, Araújo, — foi muito «traçoireiro»...

— O guarda-redes Da Rui, então...

— Não teve culpas. Estava inclinado para o lado contrário, convencido de que o remate iria partir para o canto oposto. Mas as coisas passaram-se de um modo diferente, e tão rapidamente que...

... — bateria qualquer, não é verdade?

— Isso mesmo!

O árbitro George Raeder gostou dos portugueses no segundo tempo

Deixamos o grupo francês. Domingo, o guarda-redes suplente, filho de espanhóis, veio chamar Ben Berek, regressado ao seu silêncio — e corremos a ouvir o britânico George Raeder. Mas só o pudemos fazer durante o repasto.

George Raeder estava sentado entre Raul Vieira e Carlos Alberto Pereira da Rosa. Figura simpática,

A satisfação dos portugueses

A alegria entre os jogadores portugueses é natural. E justificada. Só Espírito Santo parece desolado. Diz-nos:

— Não sou feliz, contra a França. Em 1940, não joguei em Paris, por ter adoecido gravemente, como se sabe. Agora — por causa de uma distensão aborrecida.

— É preciso, realmente, não ter sorte.

O simpático Espírito Santo afirmou-nos entretanto a sua fé num próximo encontro contra os franceses.

— E ha-de jogar bem?

— Pois claro!

A equipa francesa é muito boa! — afirma-nos Feliciano

António Feliciano foi por certo o melhor jogador português. E terá sido, até hoje, o melhor defesa de Portugal. A sua exibição de domingo fez-nos recordar o trabalho de Carlos Alves, há anos, no Campo do Ameal, da cidade do Porto. A França, nesse dia, jogara

cavalheiresca — homem habituado a todas as andanças do futebol.

— Mister: — satisfeito com esta viagem a Portugal?

— Muiíssimo. Tudo me agradou, desde o Estádio, que é magnífico, impressionante, até ao comportamento adorável do público português.

— Que opinião lhe deixou o jogo?

— Excelente, quanto aos franceses, na primeira parte. A vossa equipa, no segundo tempo, reagiu e conseguiu dominar um pouco mais. Devo dizer-lhe que a formação francesa não me surpreendeu. Empatou com a Inglaterra, em Londres, e já nessa altura deram provas da sua categoria.

«Não ha dúvida que o futebol francês tem categoria. Categoria e possibilidades.

«Os seus jogadores Da Rui, Guissard, Ben Berek e Aston valem como os melhores.

— E dos portugueses?

— O trio defensivo, o médio-centro e o interior-direito.

— Teve dificuldades durante a arbitragem?

— Nenhumas. Os desafios internacionais são sempre fáceis de dirigir...

muito mais que os portugueses, mas o «homem das luvas negras» conseguiu parar-lhe ataques sobre ataques. E José Manuel Soares, o infelizmente Pepe, obteve dois «goals». Pronto. Tanto bastara. Portugal conseguira triunfar por 2-0...

— Feliciano: — V. merece um abraço. Assim joga um grande defesa.

— Obrigado, obrigado. Esta vitória, depois do empate com a R. A. F. e do empate da França com a Inglaterra, enche-nos de satisfação. Merecemo-la, principalmente na segunda parte.

«Claro que os franceses possuem uma admirável equipa. Gostei imenso do seu ataque, de Ben Berek, especialmente, e do guarda-redes Da Rui. Viu como ele se esticou para defender duas «brasas» do Araújo?

— E dos portugueses?

— Eu não gosto de distinguir. Acho que todos contribuíram para o resultado.

Feliciano é de uma alegria comunicativa. O grande defesa

O SELECIONADOR E O TREINADOR

confiam-nos as suas impressões



TAVARES DA SILVA
Seleccionador nacional

CONVERSAMOS noutra página com jogadores portugueses e franceses. E com o árbitro. Mas deixamos para esta, propositadamente, o seleccionador e o treinador. Nada mais justo.

Não pode esquecer-se nunca, e muito menos em dia grande para o futebol nacional, o excelente esforço dos técnicos, que se dedicaram de alma e coração a todos os pormenores de interesse para uma boa prova por parte dos seus pupilos.

O público que assiste à luta, que forma a sua opinião sobre o valor de cada seleccionador, nem sempre se apercebe do «sofrimento» do seleccionador — por exemplo. É o homem que tem maiores sobressaltos, mais dores de cabeça. Se o «team» perde — foi mal acasalado. Se ganha com dificuldade — ainda se lhe não reconhece virtude. E se ganha «por multos» — o adversário é fraco.

Porque há muita gente a ver, e em Portugal já se conhece futebol. Logo, lembremo-nos do seleccionador nacional, e do treinador que escolheu, competente como poucos, autoridade a todos. Um — Tavares da Silva. Outro — Augusto Silva.

Não carecem de apresentação. Mesmo porque poderíamos ser traídos pela amizade que a ambos nos liga há muitos anos. Não contemos com ela nesta reportagem, e sigam-nos antes o leitor através de perguntas e respostas que não tiveram preparação de qualquer espécie.

O seleccionador confiava e tinha razão

Tavares da Silva readquirira o seu bom humor. O seu feltro brincalhão e optimista. Havia passado a tormenta, aquela hora e meia que preocupa o seleccionador mais confiante — e já lhe podíamos falar de futebol...

Que até ao apito final do árbitro George Raeder, era um perigo tocar nas coisas da bola.

— Desapareceu esse nuvenzila...
— Naturalmente. Julgo que a todos os seleccionadores acontece o mesmo. Nós vibramos de um modo especial. E, às vezes, tanto e tanto...

— Está, portanto, satisfeito?
— Estou. Fiz o possível por cumprir.

Francisco Ferreira gosta do jogo alegre. E a França joga com alegria

Outro excelente jogador português: — Francisco Ferreira. Uma primeira parte a cortar jogo a adversários de categoria, dando-se à bola com sacrifício, garra — com aquela alma que lhe é habitual...
— Contente?
— Sempre que venço. E quando isso sucede num desafio internacional, com «todo o mundo» de acordo, ainda melhor.

— Sobre os franceses?
— Uma bela equipa. Surpreendeu-me. Não é nada inferior à que defrontámos em 1940. Mais um motivo para festejar a nossa vitória.
— Merecida?
— Pelo menos, indiscutível. A defesa justificou-a e o ataque fez o suficiente para a garantir.

Era verdade. O grupo de Portugal valorizou-se. Porque se valoriza um grupo que bate uma equipa como a da França.

Rodrigues Teles

— E agora?
— Agora — a coisa é outra! Também podemos sorrir. Temos direito a sorrir — que bom! Os rapazes, ganharam. Mereceram ter esse alegria, visto que todos procuraram vencer. E eu, cá estou no meu lugar, firme e disposto a bater-me pelo futebol. Gosto muito do futebol. As vezes, dá desgostos. Mas também acontece o contrário. E conforme.

A nossa equipa...
— Pode o seleccionador falar com toda a «liberdade» da «sua equipa»? Deixe falar o jornalista — que já não é nada mau...
Tavares da Silva tinha razão.



AUGUSTO SILVA
o grande jogador olímpico
e treinador da equipa
portuguesa

O leitor, se quiser, encontra nesta revista boas opiniões do seleccionador sobre o jogo e os jogadores. Para quê — repetir? Para quê — obriga-lo a perder tempo? Esta jornada está vencida, e agora é preciso pensar nas que vão seguir-se.
Nada mais.

Augusto Silva afirmou-nos que a linha avançada da França é a melhor que tem jogado contra Portugal

Procurámos depois Augusto Silva, o treinador que Tavares da Silva escolheu, Augusto merece ser agora recordado como jogador Internacional e olímpico. Como grande médio-centro do Belenenses, da selecção ou das selecções, homem que se exibiu admiravelmente nos campos de Portugal, Espanha, França, Holanda, Alemanha, Itália e Bélgica. Augusto Silva, treinador com autoridade, inteligente, conhece os segredos do futebol. Já viu jogadores de grande classe...

Por isso, a sua opinião constitui um depoimento importante. E oportuno.

— Diga-nos, Augusto Silva: — gostou do resultado?

— Bastante. Esta vitória tem especial valor, porque foi obtida contra uma equipa de classe, que ainda há semanas derrotou a Checo-Eslóvaquia por 3-0; que empatou com a Inglaterra por 1-1; que, numa palavra, conhece os segredos da bola.

— Quer dizer que a selecção francesa...

— Olhe: — já joguei contra a França, como sabe. Pois a linha avançada da França, que se exibiu contra Portugal, neste encontro, é sem dúvida a melhor de todas as que tive ocasião de ver. Surpreenderam-me alguns jogadores. E Ben Barek, Aston e Bihel, individualmente, têm grande categoria.

— E o resto? Não corresponde ao ataque?

— Corresponde. Todo o grupo é bom, dos melhores. O guarda-redes Da Rui, se não tem a classe de Hiden ou de Chayrignés, que eram «porta fechada» nas formações francesas, demonstrou-nos que tem classe. Os defesas, atléticos e desenvolvidos, são muito bons, e os médios sabem jogar.

«O médio-centro Guissard, um rapaz muito novo, deixou a melhor impressão. No conjunto — um «team». A nossa vitória, pensando em tudo isto, deve aplaudir-se.

— E os nossos?

— Primeiro — o resultado que todos obliteraram. O jogador nem sempre dá o que quer. Há jogadores que indicam, antes do encontro, uma coisa. No decorrer do desafio, por incidente, surgem contrariedades. A maneira como são marcados influi muitíssimo. O adversário conta. E o adversário, neste domingo, não pôde ser esquecido. É bom, já se disse.

— Mas há sempre melhores...

— Eu não gosto de os indicar. Nome por nome. Mas vá lá: a defesa formou um bloco, os médios, no conjunto, tiveram uma boa segunda parte; e ataque... não sendo de todo feliz, obteve duas bolas — a vitória. Araújo deve ter sido o mais útil.

Tavares da Silva e Augusto Silva, cada um em sua função, ficam ligados a esta bela vitória de Portugal, a 3.ª de 7 jogos contra a França.

Seja qual for o pensamento do público ou da crítica, são justos os aplausos: ao primeiro porque formou um conjunto vitorioso, tão valoroso como outros que Portugal tem apresentado; ao segundo, porque treinou cuidada e dedicadamente os rapazes que lhe apresentou o seleccionador.

Não podem esquecer-se. O futebol português ficou a dever um bom triunfo ao onze que apresentou, mas Tavares da Silva e o grande médio de Amsterdão podem partilhar da sua glória. É isto justo...

Rodrigues Teles

português — grande, sim senhor, e em qualquer país onde se jogue futebol, é assediado por outros camaradas. Não se pode jogar bem...

O portuense Araújo cumpriu uma promessa...

O Araújo estreou-se em equipas de Portugal. Boa estreia? Em nossa opinião — auspiciosa. Araújo foi o melhor avançado, e isso é alguma coisa, já se deixa ver.

Interessava ouvir a sua opinião, e Araújo não se recusou a emití-la.

— Eu disse pela Emissora Nacional que gostaria de marcar um «goal» com o pé esquerdo para oferecer aos portuenses. Cumpri. E olhe que a bola esteve quase a sair-me para o pé direito...

— Dizem os franceses que o remate foi «traíçoeiro»...

— Talvez. Da Rui estava tentado a inclinar-se para o outro lado, de facto, mas eu dei-lhe efeito e torci o remate, encaminhando a bola, com a parte de fora do pé, precisamente para o eliminar. Se eu rematava para onde, à primeira vista, parecia melhor, Da Rui, admirável jogador — «pegava-lhe».



PORTUGAL vence a FRANÇA por 2-1

O TRIUNFO TEM O SABOR DA DIFICULDADE...



Aston consegue rematar antes da intervenção de Feliciano, depois de dominar Serafim



Joga-se a meio campo. E luta-se com energia



Serafim acaba de desarmar Aston, no chão, e repele a bola da grande atea portuguesa



Cardoso e Aston, capitães dos grupos português e francês



Peyroteo remata com quanta força tem. Ledue, entretanto, opõe-se com éxito

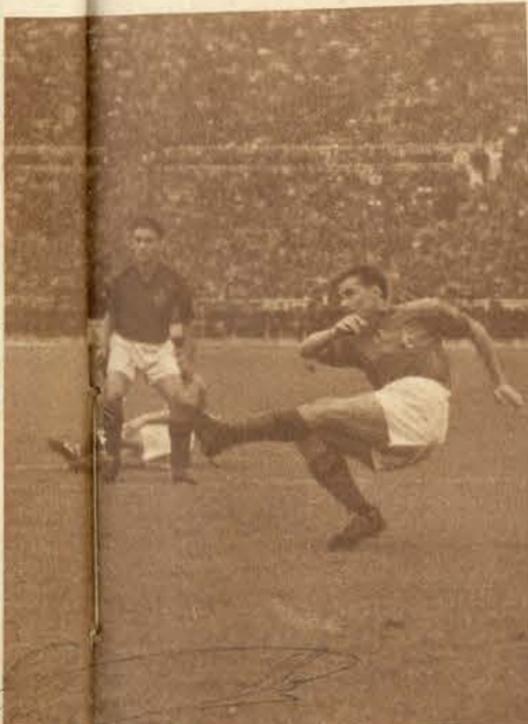
ARAUJO
VAT
e PYROTEO
marcaram
os goals
do encontro



Eis nestas duas fotografias — o 1.º «goal» dos portugueses, marcado por Araujo. O portuense dominou Ben Barek, que viera à defesa e rematou à rede. Da Rui lançou-se, mas teve um desgosto: — a bola seguiu até às malhas...



Araujo e Peyroteo, marcadores dos «goals» portugueses, acompanhados por Tavares da Silva



O defesa esquerdo francês, impede uma avançada de Araujo



Rafael e Grillon...



Uma boa defesa de Da Rui

A vida desportiva POR ESSE MUNDO FORA

FUTEBOL

O Campeonato das Ligas de Inglaterra

BIRMINGHAM, o valoroso clube da importante cidade manufatureira inglesa, conseguiu colocar-se à cabeça na Liga Sul, depois dos jogos efectuados durante a semana finda.

Aston Villa desceu ao terceiro posto, mas a luta entre os quatro primeiros continua acesa. A vitória de Birmingham sobre Portsmouth, por 1-0 — pouco expressiva por falta de remate dos vencedores — bem como as que Charlton e Derby County, finalistas da Taça, conseguiram sobre Brentford e Leicester, originou a seguinte classificação:

Birmingham: 34 jogos, 51 pontos; Charlton: 33 jogos, 50 pontos; Aston Villa: 35 jogos, 50 pontos; Derby County: 35 jogos, 49 pontos.

A posição do Charlton continua sólida e capaz de levar o campeonato juntamente com a Taça de Inglaterra, feito raro nos anais do futebol inglês.

Na Liga Norte, o Bolton Wanderers perdeu com Newcastle por 1-0; Liverpool e Leeds United empataram a um tento e o Middles ganhou ao Burnley por 2-1.

A posição do Everton e Sheffield United, à cabeça do rol com igual número de pontos, não se alterou. O segundo nomeado, ganhando ao Stoke City por 3-0, manteve a sua posição de favorito.

Vitória da França sobre a Checo-Eslóvia

NO Estádio de Colombes celebrou-se no dia 7 o *match* de futebol entre os grupos representativos da Checo-Eslóvia e da França. Após o encontro, a equipa visitada obteve uma nítida vitória por 3 tentos a zero.

HIPISMO

O «Grande Nacional» de Inglaterra

CORREU-SE dia 5, no hipódromo de Aintree (Liverpool), a prova típica de obstáculos mais importante do mundo. Trinta e cinco cavalos alinharam à partida, que foi presenciada por dezenas de milhar de espectadores. O percurso, semeado com 16 obstáculos, foi percorrido duas vezes, mas ainda não estava concluída a primeira volta já havia quatro cavalos desmontados e outros francamente batidos.

«Príncipe Regente», favorito,

NOTA DA SEMANA

As corridas de cavalos em Inglaterra ocupam preponderante lugar entre as grandes diversões do povo britânico. Criadas em 1161, quase simultaneamente com a fundação da nacionalidade portuguesa, adquiriram crescente importância pelo decorrer dos anos. Um dos principais impulsionadores do turf foi Jorge IV, e também Lord Derby, que correu nas dunas de Epsom a prova, hoje clássica, que leva seu nome.

O povo e a aristocracia apaixonaram-se profundamente. Até o próprio Rei de Inglaterra, Eduardo VII, assistindo em 1909 à vitória do seu cavalo, desceu a buscar o animal, trazendo-o pela rédea desde a pista ao recinto da pesagem.

Abandonando a rigidez do protocolo, o monarca quis falar-se como qualquer cidadão do seu reino, e o público, com hurrás de entusiasmo, comprimiu o corpo do soberano numa manifestação de carinho inexprimível.

O citado conde de Derby fundou igualmente outra prova clássica: os Oaks. Também de grande vulto, corre-se todos os anos em Doncastre, no mês de Setembro, a contra-prova do Derby, que se chama Saint-Léger.

Mas o supra-sumo é Ascol. Ali se reúne a fina flor do Império Britânico.

É o meeting do bom tom aristocrático e toda a distinção, afabilidade, esquisitismo e cordialidade do inglês vêm à superfície, esmalhando o ambiente.

As vezes, por detrás da alegria, esconde-se o drama. Giram milhões de libras em apostas, arriscando fortunas. Os book makers ou apostadores profissionais suam as estopinhas. Ainda recentemente, na corrida Grande Nacional, isso aconteceu.

O cavalo «Príncipe Regente», um dos melhores steeple chasers de há dez anos a esta parte, colou-se favorito em tal proporção, que estiveram em jogo de azar 4 milhões de libras.

Os book makers perderiam esta importante quantia se o cavalo ganhasse e tudo indicava que só por acaso perderia. O Destino condeceu-se, no entanto, de tanta miséria. Embora o melhor, «Príncipe Regente» ficou em terceiro lugar.

Coube a «Lovely Cottage», montado aliás por um amador, o triunfo. Com ele se salvaram da ruína iminente os apostadores, que arriscaram, por dever de ofício, créditos e milhões.

Rafael Barradas

ATLETISMO

Pedro Gomez, vencedor da Maratona espanhola

O terceiro campeonato de Espanha da Maratona disputou-se no dia 7 em Algemesi. A vitória sorriu ao castelhano

Pedro Gomez, que percorreu 42 quilómetros em 2 horas 47 minutos e 52 segundos, seguido pelo aragonês Pascual, em 2 h. 51 m. 32 s.

Novo recorde do lançamento do peso

O conhecido lançador castelhano Torres ganhou o campeonato universitário do peso atirando a esfera a 13,43 metros, que constitui o máximo regional absoluto e universitário da especialidade.

CICLISMO

O circuito de Parma

A volta ciclista da célebre cidade italiana, num total de 102 quilómetros, foi ganha por Bini, em 2 horas, 32 minutos e 19 segundos, à média de 39,990 km/hora. O vencedor da prova Milão-San Remo, Coppi, desistiu por motivo de acidente.

BOXE

Um campeão derrotado

EM Espanha, o campeão dos «levísimos», Romero, perdeu por pontos a favor de Librero, precedente titular, que deste modo recuperou o campeonato.

Arceñega vence Asêncio

EM Cuenca, o bem conhecido pugilista Arceñega derrotou Asêncio por abandono. A luta quase não teve história, pois o domínio do vencedor foi considerável desde o início.

Um novo campeão: Rocky Graziano

MARTY SERVO, primo carnal de Lon Ambers, ex-campeão do Mundo da categoria «leves», conquistador recente do campeonato mundial dos «meio-médios», acaba de ser retumbantemente vencido. O troféu que ostentou durante dois meses deixou-o agora, como despojo da batalha perdida.

A luta travou-se no Madison Square Garden, de Nova York, presenciada por milhares de assistentes. Ao segundo assalto, o campeão foi derrubado três vezes e o árbitro suspendeu a continuidade de uma luta desigual.

Graziano, o vencedor, possui golpe fortíssimo e milita na categoria dos «médios», mas, pelas notícias recebidas, desceu à classe antecedente com grande êxito. É de origem italiana e favorito do público da metrópole noviorquina.

Juanito Martín e Valdés, suspensos pela Federação

NO frontão Recoletos, de Madrid, combateram a 5 do corrente os destacados pugilistas espanhóis Juanito Martín e José Valdés.

Sendo colegas de treino, por conseguinte habituados à esgrima um do outro, a luta careceu de brilho e vigor. No final dos 8 assaltos previstos o delegado anunciou que as «bolsas» de ambos ficavam apreendidas pela Federação até conclusão de averiguações.

No mesmo espectáculo, Mariano Hita ganhou a Reverte, por pontos, e Ciclone dominou Menjibar.

Pugilistas italianos em Espanha

ENCONTRAM-SE actualmente em Espanha alguns pugilistas italianos de *cartel*, dois dos quais possuem boa classe.

Livio Minelli e Aldo Minelli combateram respectivamente Lorente e García Alvarez.

O primeiro causou a mais profunda impressão no público pelo brilho do seu jogo, rápido, científico e potente. Ao 4.º assalto Lorente era abatido por *Knoch out*, de modo irremediável.

Aldo Minelli enfrentou o campeão espanhol García Alvarez. A luta foi duríssima, acabando o italiano por ser proclamado vencedor com toda a justiça.

Alvarez, valente, acabou muito combalido.

Comentários...

Os Campeonatos europeus de atletismo

A Federação Internacional de Atletismo, que vai organizar em Agosto próximo, em Oslo, os campeonatos europeus, dirigiu já à nossa Federação o convite para neles participar e o oferecimento de deslocação, a expensas da organização, de um atlela de cada sexo.

O atletismo feminino em Portugal não tem desenvolvimento nem valor que permita presença em competições de tamanho vulto, pelo que seria interessante uma diligência do nosso organismo nacional tentando que o convite revertesse em favor de outro representante do sexo forte.

Não sabemos quais sejam as possibilidades da Federação Portuguesa para subvencionar a deslocação de alguns representantes, mas supomos que sejam mais do escassas e não permitam — caso se não se verifique qualquer auxílio superior — satisfazer legítimas aspirações. No entanto, o assunto deveria ser cuidado sem perda de tempo, por dois motivos: primeiro e sobretudo, na esperança de conseguir a participação da meia dúzia — se tantos — de atletas de que dispomos com classe para figurar num campeonato europeu; segundo, para definir, a devido tempo, posições e evitar sonhos desilusionantes ou, até, inúteis campanhas preparatórias de candidaturas.

No atletismo não é tão fácil como nos jogos desportivos gerar com palavras uma corrente de favor para este ou para aquele; desporto de marcas precisas, em que o cronógrafo e a fita métrica são inflexíveis juizes, a classificação dos valores e o confronto a distância estabelecem-se sobre bases muito seguras.

Pode às vezes suceder que não sejam os homens que em Portugal mais sobressaem dos competidores aqueles que melhor nos possam representar em luta com campeões estrangeiros. Exemplo: seria preferível um corredor de 100 metros que balesse por um simples quinto de segundo os seus competidores, mas creditado em 10,8 segundos, do que um lançador de peso que atirasse a 13,5 metros e deixando os adversários nacionais um metro à retaguarda.

Como estamos ainda longe do início da temporada oficial, sem referências sobre um ou outro, parece-nos muito boa ocasião para ser estabelecida pela Federação uma tabela de mínimos de selecção, cuidadosamente preparada, levando em conta a categoria média dos melhores europeus em cada especialidade; por esta forma, os atletas saberiam onde precisavam chegar e os dirigentes ficam ao abrigo de críticas da última hora e de catequeses a largo prazo.

Lembranças de outro jogo com a França

COMPLETAM-SE, no próximo dia 29, dezoito anos que a equipa portuguesa de futebol se apresentou pela primeira vez ante o público parisiense para compêlir com a representação nacional francesa, e nenhum daqueles que acompanharam essa viagem esqueceu ainda, por certo, as satisfações que trouxe para o seu natural sentimento de nacionalismo. Recordaram-nos todos com saudade no ambiente entusiástico da jornada de domingo passado.

Os lusitanos chegaram a Cidade-Luz aureolados pelo prestígio de uma precedente vitória e pelos êxitos de uma temporada feliz, durante a qual empataram os jogos com a Espanha e a Argentina e bateram com relumbância a Itália por 4 bolas a uma. Em vésperas do torneio olímpico de Amsterdão, falava-se já do valor de Portugal como de um factor positivo e a curiosidade do público parisiense fora estimulada ao máximo pela propaganda insistente da imprensa.

A Federação Francesa escolheu para celebração do encontro o campo do Parque des Princes, um dos mais afamados de Paris, cuja lotação só era excedida pelo estádio de Colombes, mas que oferecia sobre este a vantagem de estar situado muito mais perto da cidade e com numerosos e fáceis meios de acesso.

Esperava-se uma enchente, mas ninguém imaginou o que iria suceder.

Muito antes da hora de principiar o jogo já as tribunas e os recintos destinados aos peões se encontravam completamente cheios de gente.

Sentindo frustrados os seus desejos, toda aquela gente entrou a protestar e os reclamantes, aglomerando-se, notaram força do número e decidiram-se a agir da única forma eficaz: tanto empurraram, que os portões cederam e toda aquela massa humana investiu de roldão pelo recinto, sem possibilidade de opposição por parte da policia que assegurava a ordem.

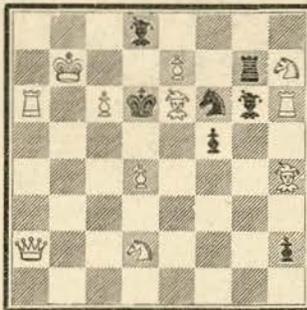
Os espectadores que assim haviam penetrado no Parque des Princes, encontrando repletos os locais destinados ao público, instalaram-se onde puderam e só a linha limite do rectângulo de jogo os conteve no seu avanço; nada foi capaz de os fazer recuar.

Foi nestas condições estranhas que o jogo se disputou e que os nossos rapazes arrancaram um excelente empate; para marcar os pontapés de canto, era necessário primeiro afastar, a custo de persuasivas insistências, uns tantos espectadores.

A jama dos portugueses conseguiu nesta tarde de há dezoito anos provar à mais celebrada capital da Europa que não dispunha de um terreno desportivo suficientemente amplo para as suas necessidades.

PROBLEMA XXXV

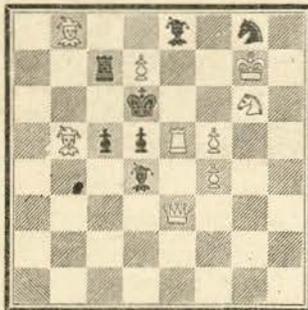
«Sem Lema III»



2 X

PROBLEMA XXXVI

«Galito»



2 X

XADREZ

NOVA INICIATIVA DA «STADIUM»

Campeonato de Problemas e Problemistas Portugueses

O problema português atingiu já uma fase de desenvolvimento que deixa para trás, seguramente, o período de vacilações.

A primeira iniciativa da «Stadium» no campo do Problema encontrou eco no espírito dos amadores portugueses, fazendo reunir à nossa volta uma frola de entusiastas, e demonstrarem, a todos, boa vontade, qualidades e magnífico sentido de cooperação.

A oportunidade é das melhores para se firmar, em aliteres sólidos, o causa de «Arte da Composição em Portugal».

O novo empreendimento da «Stadium» é uma garantia de que o esforço dos nossos problemistas nos desperta o mais vivo interesse e simpatia, e que nestes colunas, dedicadas ao mais intelectual dos jogos, se pugnará para que as suas legítimas aspirações alcancem o prémio a que tem direito.

Regulamento do Concurso

São convidados a concorrer todos os problemistas de nacionalidade portuguesa. Cada compositor apresentará 3 problemas, ortodoxos em dois lances, compostos

O "Mundo Desportivo"

Passou há dias o primeiro aniversário da sua fundação este nosso prezado colega da Imprensa da especialidade, dirigido pelo conhecido jornalista Raul de Oliveira.

«Mundo Desportivo» tem camprido excelentemente a sua missão, orientando a opinião pública com um brio digno dos mais ragados elogios. A nossa Revista, que ali conta muitos amigos, saada-os na pessoa do seu Director, Raul de Oliveira, que tem conduzido o simpático tri-semanário com admirável espírito desportivo.

ou publicados em 1945. Aditem-se corrigendas de problemas publicados na referida época desde que sejam, em princípio, imprescindíveis as modificações. Será necessária a inclusão do original, no presente caso.

As remessas deverão ser feitas em diagrama, notação Forsyth ou algébrica, endereçadas ao dirigente desta secção, sr. Vasco Casimiro Santos, Praça das Flores, 15-1.º-Lisboa — e devem observar-se as seguintes indicações: solução completa; data e local de publicação, ou a referência de ineditismo, sendo conveniente, neste caso, o data aproximada de sua confecção.

São de grande utilidade todos os esclarecimentos de carácter técnico que possam interessar o júri.

Solicitemos a máxima urgência das remessas, as quais devem chegar ao nosso poder até 20 de Abril. Prevendo-se que concorram problemas originários doutros «Concursos», observaremos o mais rigoroso sigilo.

Os problemas serão examinados e classificados por um categorizado técnico estrangeiro, cuja identidade será revelada logo que recebamos a confirmação do convite.

Compele a resolução de todos os casos omissos à Comissão constituída pelos distintos problemistas, srs. José Castro e Melo, José Casimiro Vinagre, António Cunha Serra e Vasco Casimiro dos Santos.

Esta prova poderá eventualmente servir de base à selecção da equipa nacional, que defrontará os novos problemistas espanhóis num match que projectamos organizar de colaboração com a Sociedade Española de Problemistas de Ajedrez.

CONDIÇÕES DE ASSINATURA

| | |
|------------------------|---------|
| Custo por número . . . | 2\$00 |
| 3 meses, Esc. | 26\$00 |
| 6 » » » » | 52\$00 |
| 12 » » » » | 104\$00 |

Assine a STADIUM

Stadium



Da Rui devolve uma bola alta com os punhos

Salva, apertado por Araujo, desvia um ataque português



Uma admirável defesa de Azevedo, à soco



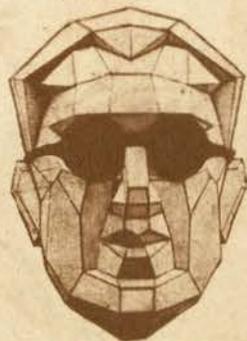
Driss e Djilali, ciclistas do Grupo Desportivo da «Iluminante», antes do encontro, entregam galardões a Cardoso e Aston, capitães das equipas



Ciclismo



No domingo disputou-se o campeonato regional de ciclismo, amadores seniores, juniores e veteranos. João Nunes, da Iluminante, conquistou o título de seniores, e Manuel Catarino do Benfica, o de juniores. Ao centro, uma fase da prova de veteranos



**GIL
OCULISTA**

FUNDADA EM 1865

Deposítaria das lentes "ZEISS"

Binóculos, Termómetros

Bússolas de marcha, etc.

Aparelhos de Precisão

138, RUA DA PRATA, 140

Telefone 2 2529 LISBOA

A UNIVERSIDADE de LISBOA Ganhou os Campeonatos Universitários



A equipa de «rugby» do Instituto de Agronomia, campeão universitário



O grupo de «hockey» em campo da Universidade do Porto — vencedor do campeonato



Os estudantes de Coimbra, como não podia deixar de ser, conquistaram o campeonato de futebol



O grupo de basquete da Universidade de Lisboa



A formação portuense de «hockey» em patins



A equipa de Lisboa de «handball» empatou com o Porto



O «team» portuense ganhou o campeonato nacional de «handball»; por bater Coimbra e empatar com Lisboa

É muito difícil expressar em síntese uma opinião concreta sobre os Campeonatos Nacionais Universitários que se celebraram em Lisboa durante a semana passada; afirmar que foram um êxito é exagero de otimismo, criticá-los como um fracasso também não corresponderia à verdade. A impressão geral é com justiça agradável, a regularidade das competições não se presta a dúvidas, mas houve por vezes falhas na organização que, sendo naturais em tão vasta empresa confiada a pessoas de inexcusável dedicação mas insuficiente experiência, se devem apontar sem azedume e apenas para que a lição sirva no futuro.

Não é tarefa muito fácil reunir e manter em actividade quasi meio milhar de estudantes, assegurando-lhes instalações, transportes e locais para os seus embates desportivos, sendo a complexa missão confiada a meia dúzia escassa de pessoas; começemos portanto, louvando os elementos responsáveis da Inspeção Universitária da Mocidade Portuguesa pela acção desenvolvida, de forma que quaisquer apreciações posteriores não possam ser tomadas além do significado do propósito que as dita, o de crítica construtiva. Disputaram-se campeonatos de catorze modalidades, dos quais Lisboa ganhou 11: atletismo, basquetebol, esgrima, hoquei em patins, remo, rugbi, tennis, tennis de mesa, tiro, voleibol e xadrés; o Porto venceu em hoquei em campo, Coimbra em futebol e está pendente o resultado do andebol entre Lisboa e Porto, que empataram, visto o regulamento, ao que parece, não prever o recurso ao "goal-average". Na grande maioria das provas a assistência foi diminuta, porque foi insuficiente a propaganda e nalguns casos, nomeadamente o atletismo, se cometeu o erro de utilizar o Estádio Nacional, distante e de muito moroso acesso, onde por isso só se deslocam os carolas. Acresce, para anular possíveis justificações que as pistas e caixas de saltos do Estádio provaram bastante mal, influenciando decisivamente nos maus resultados gerais. Algumas representações eram de classe manifestamente inferior, ao ponto de não se justificar a sua presença nos campeonatos; os rugbistas portuenses por exemplo, não possuíam a mínima experiência da modalidade e para futuro seria medida acertada não admitir a representação de qualquer Universidade nos desportos em que não houvesse organizado campeonato próprio.

A arrumação do programa precisa de ser melhor acutelada, para que não suceda anteceder de poucas horas o torneio de atletismo por um basquete; também se impõe a limitação de actividade dos estudantes, não consentindo que os mesmos concorram a número ilimitado de modalidades. Houve, por exemplo, em Lisboa, quem durante a semana disputasse concursos de atletismo, dois jogos de handebol e dois jogos de basquetebol, independentemente da actividade clubista simultânea...

na capital do NORTE

MOSAICOS nortenhos...

O BOLETIM do F. C. do Porto, que tivemos ocasião de ler, marca bem o seu lugar como órgão de clube. Não sabemos se terá vida assegurada, porque hoje todas as boas iniciativas estão rodeadas de sérias dificuldades, mas pode bem atribuir-se-lhe capacidade jornalística e indiscutível autoridade para falar aos sócios da colectividade mais representativa da cidade.

Os nossos parabéns.
♦ ARAÚJO é internacional. Subiu, por merecimento de Tavares da Silva, ao mais alto degrau do futebol nacional. Esperam agora os portuenses, e especialmente os admiradores do F. C. do Porto, que o excelente jogador aceite bem a honra que lhe foi conferida.

Os bons jogadores de futebol não se perturbam com honrarias desta espécie, antes as aceitam como prémio da sua actividade e boa aplicação. Confiamos todos em que Araújo procurará melhorar insistentemente, sem vaidades, sem erradas alitudes.

Araújo, com tão boas qualidades de jogador, pode muito bem ser «internacional» muitas vezes, — se não se perder...

♦ REAPARECERÁ Guilherme contra o Olhanense domingo próximo? O excelente jogador tem alinhado várias vezes na equipa de reserva da sua agremiação, e sabe-se já que desapareceu por completo o seu temor quanto aos efeitos do grave lesionamento.

Guilher fez muita falta ao seu clube. É bom que o «enguiço» termine de uma vez para sempre...

♦ O ACADEMICO volta à Divisão de Honra e o facto foi festejado pelos alvi-negros. Nem podia deixar de ser. Justíssimo. O Académico tem belas tradições no futebol portuense, e por isso pode e deve aplaudir-se o seu regresso.

♦ NÃO se percebem lá muito bem certos resultados no andebol portuense. No penúltimo domingo, por exemplo, o F. C. do Porto esteve seriamente perturbado perante o Selgueiros — e apenas pôde conseguir o empate de 5-5!

Depois de duas vitórias sobre o Vigorosa, a denunciar subida de forma, esta atropalhada dos azuis brancos é sintomática...

♦ CATOLINO, o excelente extremo esquerdo do F. C. do Porto, começou a sua preparação, sob os ordens do seu treinador Szabo.

Há esperança entre os admiradores do F. C. do Porto. O admirável Catolino, rapaz de boa classe, tem feito muita falta no conjunto portuense. Sabe-se que está agora completamente bom para a luta e, por isso, aguarda-se com impaciência o seu regresso.

Os direitos do público...

O público... O público do Porto merece ser julgado com simpatia. Tem-se sacrificado extraordinariamente pelo futebol, que acarinha com a sua presença, e a carreira dos principais clubes merece-lhe cuidados especiais.

Todavia, nem sempre se vê correspondido. A marcha dos dois principais clubes, representantes no campeonato nacional, não conseguiu impressioná-lo. O Boavista está em penúltimo lugar. O F. C. Porto, embora bem mais classificado, um pouco por falta de sorte, visto que lhe faltaram jogadores de boa categoria, não pode dar ainda ao seu público satisfação absoluta.

As vezes, node dizer-se, tem havido ausência de vontade nos jogadores. Isso é o mais melindroso.

Já assistimos a exibições desinteressadas, por parte de vários elementos, e daí esta referência ao caso — para compensar o público, ou melhor, para o defender de atitudes menos respeitadas.

O caso merece sempre uma referência. As assistências não podem ser maltratadas, porque contribuem lealmente para a expansão do jogo, para a propagação do futebol. Podem estar muitas vezes em presença de uma equipa inferior — e desculpa-na. Naturalmente. Mas assistir a uma exibição de pouco interesse — isso é que não! Não há desculpa possível.

Logo, — atenção ao público. Aos direitos do público. Aos sagrados direitos de quem paga para ver futebol aplicado e sério.

A PRÓXIMA ASSEMBLEIA GERAL DO F. C. DO PORTO...

Vál descer o pano sobre um dos actos da «questão». O F. C. do Porto promove para breve uma assembleia geral extraordinária, para contar aos seus associados o que se passou

com a Comissão Pró-Campo. Os admiradores do F. C. do Porto vão ter conhecimento oficial dos últimos incidentes, e por certo encaminharão as coisas pelo melhor.

Seja como for, precisa o caso de resolver-se com indispensáveis cuidados. O Estádio do F. C. P. é uma preocupação flagrante dos sócios da importante colectividade, e é agora oportuno dar-lhe o impulso de que carece.

Os sócios do F. C. do Porto não vão com certeza discutir os actos da «Comissão Pró-Campo». O que lá vai, lá vai. O que interessa, nesta altura, e sempre, é anular por completo os efeitos de uma campanha que não pôde corresponder aos anseios da falange azul e branca.

É preciso assentar em trabalhos práticos. Os sócios do F. C. P. são agora chamados pela sua gerência a pronunciar-se sobre um caso de muito interesse para todos, como para o clube, e é esperança geral que resolverão a bem e inteligentemente um problema tão importante.

Em mais de uma ocasião têm dado provas da sua dedicada e indestrutível amizade. Não lhes falta espírito de sacrifício. Pois mais uma vez o vão demonstrar, unindo-se aos seus directores, hoje inteirados das necessidades urgentes da colectividade.

Dar-se-á mais um passo? Pois certamente que sim. A próxima assembleia geral do F. C. do Porto há-de servir para esclarecer convenientemente o caso, por demais debatido e julgado — mas sempre oportuno e útil...

UM ATLETA portuense



Camilo, o actual defesa do F. C. do Porto, foi chamado a ocupar o posto de Vítor Guilher, há muito tempo retirado por haver sofrido grave lesão no jogo contra o Olhanense. A despeito de substituir um elemento de superior categoria, internacional e jogador dos melhores no seu lugar, Camilo pôde impor-se e defender com muita autoridade o posto que lhe distribuiu o treinador.

Camilo, porém, antes de ser colocado a substituir Guilher, jogou uma época de maneira a impressionar o público portuense. Via-se em Camilo um defesa de grande categoria, não faltando quem o julgasse capaz de se bater com os melhores.

Todavia, a operação a um joelho anulou-o durante muito tempo. Camilo regressou ao cabo de longa ausência — mas para o grupo reserva. No seu clube havia sincera pena, visto que o excelente defesa tinha dado provas de segurança e de valentia.

Veio, porém, e em má ocasião, o lesionamento de Vítor Guilher. Camilo voltou ao grupo de honra, para jogar ao lado de Alfredo, um rapaz que bem pode aproveitar-se noutro lugar — se repararem nisso...

Hoje, o simpático Camilo, com a antiga confiança adquirida, denuncia claramente a sua melhoria de forma. Camilo é um defesa duro, atlético, que se eleva admiravelmente para a bola, e por isso poderá esperar-se ainda muito das suas qualidades de jogador.

Camilo jogou durante muitos anos no Sporting de Espinho — clube que já forneceu ao F. C. do Porto bons elementos. Esteve nos Açores, e quando regressou ao continente, ingressou no campeonato nortenho. Demonstrou as suas qualidades, interrompidas por acidente. Agora, Camilo prova mais uma vez as suas possibilidades. Antes assim, visto que fazia falta.

Uma sessão esmaltada de incidentes

O espectáculo que sabia à cena na noite de 9 de abril, no ring do Parque Mayer, foi das piores manifestações desportivas a que temos assistido desde há muitos anos.

O estado do tempo, quinze minutos antes do início da sessão, indicava claramente a iminência da chuva que veio depois. Já a essa hora um borrijo teimoso descia sobre a cidade, e tanto o bom-senso como argumentos de natureza desportiva aconselhavam o adiamento do espectáculo para data ulterior.

O boxe ao ar livre tem de jogar-se com tempo seco. Bem sabemos que é impossível sustar os elementos atmosféricos, quando descendendo rapidamente e um saraú vai em meio. Mas, antes de principiar o programa, os tranços estão todos ainda no alcance da entidade dirigente.

Tivemos, por conseguinte, de assistir, pela primeira vez, a quatro combates de pseudo-boxe, travados em condições desfavoráveis para os desportistas, para o público, para o empresário e para o prestígio do desporto. Os primeiros suportaram voluntariamente as inclemências do tempo e saíram indemnes; outro tanto se não pode dizer do último.

Nós sabemos, por experiência, quanto a missão de dirigente é difícil e ingrata e, ainda, que boa vontade e espírito de sacrifício, só por si, são insuficientes.

É preciso ter previsão, conhecimento exacto e espontâneo das medidas a executar para nos impormos aos acontecimentos, ao público, aos pugilistas, etc. Por vezes, nem isso basta...

Debaixo de chuva, a eficácia do oficial de ring ficaria reduzida em grande escala, como se apanou.

Assim, o conflito esboçado entre determinado espectador e o pugilista António Silva não foi dominado pela polícia, rapidamente e daramente, como era necessário. A cena de pancadaria, *bouquet* final daquela triste farsa, entre Figueiredo, a polícia, espanhóis e todos quantos quiseram, pelos bastidores, tomar parte activa no caso, ficou e quedará ímpare. E não devia, porque os interesses do desporto do boxe, que nos merecem o máximo respeito, foram abalados profundamente.

No primeiro combate da noite, Claudino Correia acabou vencido por desistência no segundo assalto, mostrando insuficiente preparação e falta de experiência. O vencedor, João Jorge, saído do *clan* dos amadores, derrubou-o por três vezes, mostrando vigor nos golpes.

O combate imediato foi o me-

lhor da noite. Tanto António Silva, duro socador, como Cruz Passos, bateram-se com violência, proporcionando um espectáculo raro de robustez.

Silva demonstra possuir ainda todas as antigas qualidades e defeitos também, o principal dos quais é anunciar os seus golpes.

Cruz Passos caiu no 2.º assalto, reagiu no terceiro e foi abatido de novo no quarto. Então, o seu auxiliar principal deitou a toalha, anunciando a desistência.

Como a chuva não cessasse, houve a infeliz ideia de despejar na lona do ring muita serradura molhada, transformando o local num picadeiro. Este suposto benefício, contrário às disposições regulamentares, proporcionou aos pugilistas belas oportunidades de patinagem em circunstâncias por vezes hilariantes. O perigo das quedas desamparadas tornou-se latente e análogo as melhores tentativas dos jogadores, sujeitando-os a situações embaraçosas.

Teodoro Gonzalez ganhou por pontos a Carlos Wilson, com justiça. Dominou e foi muito melhor jogador, mas em terreno seco ou sem qualquer serradura escorregadia, a agilidade de Wilson talvez lhe conferisse maiores oportunidades.

Gonzalez foi o pugilista sabedor e leal que já conhecíamos, embora cauteloso nos primeiros assaltos.

No último combate da noite, vimos José Ferrer e António de Figueiredo frente a frente. A nossa expectativa cedeu ante a adipsidade do espanhol e incrível falta de raciocínio do nosso compatriota.

Figueiredo foi, desde entrada, dominado pelo poder de soco de Ferrer. Procurou evitar o câmbio de golpes e pôs-se na defensiva, replicando por vezes eficazmente.

No começo do 4.º assalto, Figueiredo, de maneira inexplicável, não cuidou de se guardar e participar no combate. Um golpe, em cheio, no maxilar, desamparou-o, voltando as costas para o ring. Nesta posição, encaixou vários socos duros e o árbitro contou 9 segundos. Retomando a luta, deu uma cabeçada intencional em Ferrer. O público, tomando o partido do português, insultou o pugilista visitante, sem motivo justificado.

A confusão e o ambiente estavam a pedir energética intervenção da autoridade no momento em que Figueiredo desistia.

A princípio, ignorámos o motivo da desistência, pois o árbitro, em vez de indagar a causa e chamar o médico, aceitou tudo, muito satisfeito de se livrar de apuros.

Figueiredo, entretanto, já fora do quadrilátero, teve um assomo

AS PROVAS DE DOMINGO

As corridas da segunda jornada dos campeonatos distritais de seniores e juniores e a última prova do campeonato de veteranos tiveram resultados absolutamente normais. Em seniores, logo que Espadinha e José Jacinto não alinharam—pelo motivo, que devia ser banido, de se estar sempre à espera do último minuto para comparecer junto do júri—o favoritismo pertencia a João Nunes. E foi este corredor que triunfou em 3 h. 16 s.—tempo um pouco elevado, mas mesmo assim suficiente em valor para atestar a boa forma do «lami-nante».

A seguir a João Nunes, que agora é «leader» do campeonato com margem de 3 pontos—30 contra 27—classificaram-se Serafim Paulo e Alexandram Dias.

Nos juniores, prova que reunia onze dos melhores elementos agora em actividade, a vitória pertenceu a Manuel Catarino, estradista do Benfica com muitíssimos recursos. Catarino gastou nos 75 quilómetros 2 h. 11 m. 4 s., mais 53 s. que o vencedor de 1946, mas, mesmo assim, menos 2 m. que o seu próprio a

época passada, em que foi segundo. Ao corredor do Benfica seguiu-se o sangalense Manuel Gonçalves, que ficou à frente da classificação para a posse do título; Emídio Pereira, o sportingista, que venceu a primeira corrida do campeonato, e Maximiano Rola, do Lisgás. Todos estes homens gastaram menos que 2 h. 15 m., o que constitui já proeza de valto.

Embora Hélder Canha houvesse vencido a última prova de veteranos, batendo um grupo de três corredores que com ele chegou à meta, foi Rosa Mateus, que tinha ganho as duas primeiras corridas, que conquistou, e com brilho, o título de Campeão, totalizando 44 pontos. Hélder Canha ficou em segundo lugar, com 43 pontos.

Organização cuidada e sobretudo muita vontade de acertar. A atestar tal facto, a resolução tomada de não permitir que se alterasse a ordem de sorteio na partida de amadores, facto que a dar-se prejudicaria uns corredores em benefício doutros, e a de manter sempre os mesmo intervalos entre todos os concorrentes.—G. M.

Ben Barek, Aston, Da Rui e uma francesinha...

(Continuação da página 4)

Figuras de destaque no desporto português confraternizaram com algumas das melhores personalidades da colónia, francesa em Lisboa.

Nessa tarde, em vésperas de um Portugal-França em futebol, depáramos nos elegantes salões do palácio de Santos com um caso extraordinário: uma francesinha de 18 anos, cabelos muito loiros e olhos muito azuis, a enfeitarem um tipo cem por cento parisiense, que nunca assistira a um jogo de futebol! — Mademoiselle Isabel de Waldeneur, enfermeira das forças aéreas francesas, e que pertence à equipagem do avião que transporta os jo-

gadores franceses a Portugal. Fez a guerra cuidando dos seus feridos e é em Portugal que veio receber o seu baptismo de futebol.

Pergantámos-lhe o motivo do seu desinteresse pelo grande jogo. Respondeu-nos:

— Moi mème... Je ne m'ex-lique pas... Casualité!...

Pelo menos temos a certeza de que este 7.º Portugal-França conquista por certo, além de tudo, mais uma vitória para o futebol: a simpatia da francesinha galante que veio ao nosso Estádio Nacional dar as suas primeiras palmas em louvor do popular desporto.

Fernando Sá

SEPARATAS

Nos próximos números daremos em separatas a cores as equipas que disputaram o Portugal-França.

Rafael Barradas

A CAMINHO do RAÍS dos LAGOS e das MONTANHAS OS HOQUISTAS de PORTUGAL seguem hoje para a SUÍÇA



MAIS uma vez! Uma representação do hóquei em patins lusitano vai, de novo, ao estrangeiro — com o propósito firme de manter tradições, cimentar amizades e simpatias, mostrar quanto vale e dignificar, ainda, e sempre, o desporto nacional. Em Montreux, na Suíça, disputar-se-á um torneio internacional (o primeiro depois que eclodiu a guerra) a que os organizadores cognominaram de «Taça das Nações»; é assim uma espécie de sucedâneo dos antigos campeonatos do Mundo e da Europa — e serve, ao mesmo tempo, de preparação para cometimentos futuros.

A equipa de Portugal escolhida criteriosamente pelo seleccionador único José Prazeres, acolitado, na preparação física dos jogadores, pelodr. Luís Adão, mestre de ginástica, é constituída por Cipriano Santos (Hóquei de Sintra), Alvaro Lopes (Académica da Amadora), Sidónio e Olivério Serpa (Futebol Benfica) e Jesus Correia (Paço de Arcos), efectivos; Correia dos Santos (Paço de Arcos), a sexto; Rui Pedrosa (Lisgás) e António Raio (Hóquei de Sintra), suplentes. Esta é a representação nacional, que José Prazeres — seleccionador; — cap. Santos Romão — presidente da F. P. Patinagem; — dr. Ayala Botto — delegado da D. G. Desportos — e Américo Rombert — árbitro internacional — acompanham à Suíça. Partem hoje por via aérea, num aparelho do Secretariado da Aeronáutica Civil que a Presidência do Conselho cedeu.

Esta deslocação — a oitava que uma equipa nacional de hóquei em patins faz para o estrangeiro — tem ainda outro significado, além da competição desportiva de carácter internacional: é que em Montreux, onde em 1939 se disputou o último campeonato da Europa, foi apresentada, ao congresso das nações, a candidatura do nosso país para a organização do próximo campeonato — que seria o de 1940; mas, entretanto, surgiu a guerra... e teve de esperar-se até agora! Pois é precisamente isso que vai tratar-se em 1946, porque a delegação portuguesa não desiste da candidatura, que se nos afigura, pela posição que Portugal ocupa no campo internacional do hóquei patinado, vir a ser-lhe conferida. Se assim suceder — bom seria para o desporto lusitano. O acontecimento tem, por consequência, duplo sentido, e não podia passar em claro nas altas esferas desportivas... Que, em verdade, nunca é demais encantar o carinho de que o Governo rodeou os preparatórios da ida de uma equipa de hóqueistas a Montreux.

O grupo nacional é do melhor; e nas falas do seleccionador reconhece-se que da linha média para diante (não esquecer que pontifica aí um jogador de classe insuperada: Sidónio) nunca se jogou tanto — nem com tamanho poder, precisão e velocidade. Quer dizer: trata-se de um conjunto forte, homogêneo e prático — capazes igualmente de bem representar o país no torneio das nações; e estarão em Montreux equipas igualmente fortíssimas, como as da Inglaterra, Itália, França, Bélgica e da própria Suíça. Portugal que há sete anos conquistou um honrosíssimo 2.º lugar (relegado depois para 3.º... por circunstâncias especiais de momento!) — pode e deve obter classificação condigna; exigem-no as tradições do hóquei em patins e do desporto português. Confie-se, portanto, mas em absoluto, na representação lusitana que parte hoje para a Suíça. E apeteçamos-lhe, com sinceridade, os maiores êxitos.

Para concluir, diga-se que a nossa equipa de hóquei em patins disputou já 42 desafios, com os resultados técnicos seguintes: contra Alemanha — 4 vitórias, 3 derrotas e 15-16; Bélgica — 6 vitórias, 1 derrota (em Antuérpia) e 15-7; França — 3 vitórias, 1 empate, 3 derrotas e 14-20; Inglaterra — 7 derrotas e 4-28; Itália — 2 empates, 4 derrotas e 12-20; Suíça — 3 vitórias, 3 empates, 1 derrota (em Montreux) e 15-9. No total: 17 vitórias, 6 empates, 19 derrotas e 75-100. Jogou-se em Lisboa (1939: Itália, 4-4; e 1945: Suíça 6-1); Herne-Boy (Inglaterra), em 1930, 32 e 37; Montreux (Suíça), em 1931 e 39; Estugarda (Alemanha), em 1936; e Antuérpia (Bélgica), em 1938. E são internacionais pela primeira vez — descontados os desafios que se disputaram em Lisboa: contra italianos e helvéticos — Cipriano, Jesus Correia, Correia dos Santos e os suplentes Pedrosa e Raio; os dois primeiros, porém, alinharam contra a Suíça, no Estádio Mayer, em 28 de Agosto de 1945.

Oxalá esta viagem dos portugueses dignifique o hóquei patinado. Tem sucedido sempre assim, mesmo em dia de derrota, porque os jogadores nacionais nunca se entregam aos seus vencedores. E são grandes equipas tem conseguido ganhar a Portugal, considerado justamente como adversário difícil.

Boa viagem e bons resultados é quanto podemos desejar aos nossos representantes.

Jorge Monteiro



Em cima, vê-se a excelente equipa de hóquei em patins, tal como se apresentará no concurso internacional da Suíça.

Em baixo, durante os treinos de preparação, no Palácio de Exposições do Parque Eduardo VII, estão em acção os melhores jogadores portugueses.



"FLECHA"

A BICICLETA DOS CAMPEÕES

STAND FLECHA

Para homens,
senhoras
e crianças

A mais leve e resistente

A ILUMINANTE — Lisboa — Largo do Intendente 11 a 15

A ILUMINANTE

MATERIAL ELÉCTRICO

oferece sempre os melhores preços
e a maior rapidez na execução
de todas as encomendas

LISBOA

Avenida Almirante Reis, 6
Largo do Intendente, 11 a 17
Telefones 46186, 46187, 51146

PORTO

Rua Passos Manuel, 209
Telefone 4065

